



Volume III: Edição 015/ Fevereiro de 2024

O ODISSEU

O que é ser Artista?

As múltiplas representações do
artista ao longo do tempo e o
fazer artístico na atualidade ■

'Por um letramento artístico'

Ewerton Ulysses Cardoso escreve sobre o
embate entre a arte e a moral em tempos de
obscurantismo político e cultura de
cancelamento a partir da perseguição
política ao coreógrafo Wagner Schwartz

'O leitor escolhe seu túmulo'

Hyan Pedro discute a influência da
autoria para a leitura do texto literário

'Em busca do momento presente'

Nico Hirata estreia como colunista
com reflexão sobre o olhar do
artista sobre o tempo a partir da
leitura de 'Agora Agora', de
Carlos Eduardo Pereira

'O que é ser artista?'

Em sua estreia como colunista,
Dante Oliveira questiona os
limites entre a definição do que
é arte e a própria vida

CONTO INÉDITO!

Marcus Vinícius
Rodrigues apresenta o
conto carnavalesco "Selva
Branca" com
exclusividade para a
Revista O
Odisseu





O coreógrafo Wagner Schwartz durante a performance “La Betès”/ Foto: Humberto Araújo (Reprodução)

“ Ao visitar as galerias da cidade francesa, me deparei com uma das esculturas “Bichos”, de Lygia Clark, exibida dentro de uma caixa de vidro. Ela era feita de metal. Era maior que minhas mãos. Tinha por volta de oito partes, planas e pontiagudas como golas de camisa, envelhecidas pelo tempo. Na França, os Bichos podem ser chamados de “Bêtes”.

[...]

Lygia Clark dizia que um *Bicho* era um organismo vivo, uma obra essencialmente atuante. Entre o público e ele se estabelecia uma integração total, existencial. Na relação entre ambos não havia passividade, nem do público, nem do objeto. Nesse contato, produzia-se uma espécie de corpo a corpo entre o que ela nomeava como “duas entidades vivas”: o *Bicho* e aquele que o dobra e o desdobra.

[...]

Uma pessoa após a outra entra em cena. O espectador torna-se participante. Nos primeiros minutos, alguns testam a flexibilidade do meu corpo. Uns acreditam que ele pode ganhar dimensões que seus próprios corpos não têm. Outros veem limites. Os participantes me dobram, desdobram, encolhem e esticam. Com o passar do tempo, alguns acreditam que são como eu, cuidam de mim: fazem massagem, colocam meu corpo em posturas de relaxamento, me abraçam. Outros propõem desafios, pensando que não são como eu: posicionam o bicho que eu me tornei naquele momento em posturas complexas, desafiadora, me deixam cair.

O coreógrafo Wagner Schwartz em entrevista ao *El País* (2018)
Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2018/02/12/opinion/1518444964_080093.html

Sumário

“O artista tem fome de arte”, de Ewerton Ulysses Cardoso - p. 2

“O que é ser artista?”, de Dante Oliveira - p. 3

“Ser artista é isso”, de Aline Félix - p. 5

“Por um letramento artístico”, de Ewerton Ulysses Cardoso - p. 7

“O leitor escolhe seu túmulo”, de Hyann Pedro - p. 10

“A escrita como necessidade vital”, de Matheus Xavier - p. 12

“O mal que a poesia me fez”, de Paulo Zan - p. 15

“Em busca do momento presente”, de Nico Hirata - p. 16

Saiba como apoiar a Revista O Odisseu - p. 17

“Água Fria”, de Adriano Bonfim - p. 18

“Selva Branca”, de Marcus Vinícius Rodrigues - p. 20

“Duas Cidades: Uma leitura de Selva Branca”, de Ewerton Ulysses Cardoso - p. 22

“Arte Canibal”, de Pedro Henrique Rodrigues - p. 23

Expediente e Agradecimentos - p. 24

Editorial

O artista tem fome

Ewerton Ulysses Cardoso
Editor da Revista O Odisseu

Recentemente, observei um conjunto de artistas de rua em um semáforo. Havia diversos e todos executavam malabarismos. Alguns deles realizavam com pinos convencionais, mas com destreza extraordinária. Outro, contudo, se destacava ao realizar com pinos em chamas. Não sei como, mas ele conseguia coordenar o seu corpo para segurar os pinos sempre na parte que não estava em chamas. Mas fazia isso sem esforço, apenas os lançava para cima e em seguida recuperava, girando enquanto isso, saltando, executando toda sorte de ações para que a arte se tornasse mais desafiadora.

No entanto, sou um artista. Conheço o segredo dele. Sei que é simples realizar isso.

Não para mim, é claro! Eu não poderia executar. Mas ele pode. Realiza com destreza absurda, o que não exclui a dedicação necessária. Com certeza, envolveu muito estudo e treino. Entretanto, quando há paixão pela arte, mesmo os grandes sacrifícios são suportáveis e até mesmo prazerosos. Isso é ser artista.

Em "Um artista da fome", o artífice das palavras Franz Kafka pondera sobre o ato artístico a partir do artista da fome, um homem capaz de jejuar por longos períodos e que atrai multidões para vê-lo e vigiá-lo sem comer. No entanto, havia um equívoco no ato artístico do artista da fome. Ao contrário do que todos pensavam, ele não comia escondido. Na realidade, o equívoco reside no fato de que, para ele, jejuar não demandava esforço algum, pois era a única coisa que sabia fazer, sendo a única atividade que conferia significado à sua vida.

Da mesma forma, hoje nos cobramos por criar arte mesmo quando ela está sempre à beira de nos consumir. É o artista que abandona uma carreira promissora em uma área socialmente satisfatória para viver da sua arte, na rua, onde, provavelmente, enfrentará privações. Contudo, essas privações, que também constituem o



Arte de Maicon Aquino
@aquinart

espetáculo do artista, não causam dor a ele. Não dói porque criar arte é o que ele deseja, é o que ele domina.

Antes de falecer, o artista da fome de Kafka revela o segredo da sua habilidade em ficar tanto tempo sem comer: "Porque não consegui encontrar o alimento que me agrada. Se o tivesse encontrado, pode acreditar, não teria feito nenhum alarde e me empanurrado como você e todos os outros".

Do que você tem fome?
O artista tem fome de arte.



Foto: Vernon Raineil Cenzon/ Unsplash

Ensaio

O que é ser artista?

Dante Oliveira

Colunista da Revista O Odisseu

Normalmente, antes do amanhecer invernal, a gente sai do cômodo. Vai trabalhar. Parece que todo o mundo quer seu ganha-pão, cada qual com seu estilo. Em grande estilo, o ser humano domina o espaço. Ao menos, é o que parece, resultado de um impacto biológico profundo. Isso também possibilitou ao ser humano dominar o tempo. Os relógios contam sem parar e não há massa de terra sem edificações. Restou ao espaço-tempo continuar a lógica de dominância humana. Dessa lógica, é observável o advento da arte.

Uma crônica cairia bem. O fazer artístico permeia a rotina. Existem expressões quase sacras da arte, aquela de espetáculos, mostras e museus. Não obstante, o crente que levanta para orar está fazendo arte. Quem manipula o fogo para fritar ovos na manteiga, também está fazendo arte. O motorista, que conduz as pessoas aonde supostamente querem ir, também é um artista.

Obviamente, a expressão máxima dessa arte pode ser o esporte. Ser artista é competir. A arte é um fazer. Na aurora da Humanidade, como lógica de dominância humana, era necessário fazer. O mundo é igual como era antes. A arte, antes necessária à sobrevivência, hoje é indispensável ao status. Banalizam o que é necessário e o consumo de lixo é muito alto. O meio artístico parece concordar com isso, ao buscar expressões artísticas inefáveis. Não passa de um divertimento capitalista. Só existe o Belo enquanto padrão. Só existe o Belo enquanto dominação. Arte é metamorfose. Ser artista é metamorfismo. É um processo orgânico tão natural quanto o pensamento, sendo inclusive uma marca atribuída ao ser humano, exclusivamente. A arte



respostas nos oráculos digitais, pois queria uma definição mais acadêmica e menos sensitiva (que era o que eu podia oferecer naquele momento), eu queria mais definições e menos percepções.

Desta forma, minha primeira pesquisa foi no Google (como faziam os antigos astecas), e uma das definições que encontrei foi no site da Sociedade Artística Brasileira e está escrito assim:

"Em palavras simples, um artista faz arte, podendo ser racionalmente definida e claramente vista na arquitetura, no cinema, no teatro, na dança, pintura, artesanato, música, literatura e tantas outras formas. Pode-se dizer que todos temos um lado artístico."

Achei intrigante a palavra "racionalmente", para mim a arte não ficaria dentro da racionalidade, acho que principalmente por ser de um site vinculado a arte, eu esperava algo mais poético, menos pragmático. Na verdade, acho que queria uma confirmação de que essa pergunta não poderia ser respondida de forma tão objetiva e seguindo minhas pesquisas encontrei alguém (super alguém) que concorda comigo, Susan Sontag, fiz essa descoberta a partir da leitura de "Contra a Interpretação e Outros Ensaios", mas para chegar nesse livro tive o seguinte diálogo com o ChatGPT:

"Eu: Bom dia, por favor, quero escrever um texto sobre " O que é ser artista?". Que textos ou autores você indica eu ler, para que eu escreva um bom texto?"

Chat: Existem diversas perspectivas sobre o que é ser artista. Autores como Susan Sontag (meu olho brilhou nesse momento, claro), Walter Benjamin, Arthur Danto e John Berger oferecem insights interessantes sobre a arte e a identidade do artista. O livro "O Artista Interior", de Julia Cameron, também pode ser útil para explorar a criatividade e o processo artístico.

Eu: Qual livro da Susan Sontag?

Chat: Um dos livros mais conhecidos de Susan Sontag sobre arte é "Contra a Interpretação e Outros Ensaios". Nele, Sontag aborda uma variedade de tópicos relacionados à arte, cultura e crítica."

Agradei e finalizei a conversa com o ChatGPT (sempre agradeço e sou gentil com o Chat, porque se um dia as máquinas dominarem a humanidade, com certeza vão lembrar que eu era gentil ...heheh).

No livro, que é uma coletânea de textos escritos na década de 60, Susan analisa os temas culturais,

Ensaio

Ser artista é

isso

Aline Félix

Colunista e Editora da Revista O Odisseu

A questão apresentada parecia muito simples: O que é ser artista?

A primeira resposta que pensei foi: leia "Só Garotos" da autora Patti Smith ou "Rita Lee – Uma Autobiografia", e vai entender, porque ser artista, para mim, é isso.

Mas como explicar o "isso", o que era o "isso" que responderia à questão posta?

Então, algumas lembranças me vieram à memória, coisas com as quais eu poderia exemplificar o que é ser artista, porém, antes de usar desse artifício, fui buscar as

principalmente a crítica cultural e em determinado momento ela escreve:

“Numa cultura cujo dilema já clássico é a hipertrofia do intelecto em detrimento da energia e da capacidade sensual, a interpretação é a vingança do intelecto contra a arte. Mais do que isso. É a vingança do intelecto contra o mundo. Interpretar é empobrecer, esvaziar o mundo — para erguer um mundo paralelo de ‘sentidos’”.

Sempre concordo com essa mulher, acho que por vezes tentamos dar um significado utilitarista para a arte e o artista, para que assim ele tenha valor. Talvez, tentar definir o artista de forma pragmática também o reduza.

Mas...não satisfeita fui para minha ferramenta favorita e joguei a pergunta no Spotify e o podcast FICÇÕES indicou o livro *O que é um artista?* da escritora Sarah Thornton.

Sarah entrevistou 33 nomes da arte contemporânea e justificou a estruturação do seu livro dizendo:

“Política, filiação e ofício também abarcam algumas das coisas mais importantes na vida: importar-se significativamente com os outros e trabalhar duro para criar algo que vala a pena”

Concordo, e desta forma o livro ficou subdividido 3 “atos”, como chamou a autora:

“Ato I: Política trata da ética do artista, suas atitudes em relação ao poder e à responsabilidade, prestando especial atenção aos direitos humanos e à liberdade de expressão. Ato II: Filiação investiga as relações do artista com seus pares, suas musas, seus apoiadores, do ponto de vista da competição, das colaborações e, enfim, do amor. Ato III: Ofício é sobre as habilidades do artista e todos os aspectos que envolvem a feitura de obras de arte, desde a concepção até a execução e as estratégias de marketing. Nem é preciso dizer, a ‘obra’ de um artista não é apenas o objeto isolado, mas todo o modo como cada artista joga seu jogo.”

Gostei muito da abordagem do livro, as entrevistas são muito interessantes e conhecer um pouco mais sobre os artistas e determinadas obras foi uma boa experiência.

Por fim, depois desse caminho de pesquisa, para responder uma questão que parecia tão simples, acabei voltando para minhas primeiras memórias ao ler a pergunta: *O que é ser um artista?*

Então percebi que só é possível responder contando uma breve história que aconteceu uma noite, na casa dos meus pais, quando meu filho tinha uns dois aninhos.

Lá havia uma sala de jantar, dessas de modelo antigo, toda de madeira, mesa grande, cadeiras de espaldar alto, o encosto era feito de um material entrelaçado, que formava uns círculos vazados.

Algumas dessas cadeiras ficavam quase encostadas na parede.

Certa noite, meu filho estava passando no vão entre a parede e essas cadeiras e então, de repente, parou. Começou mexer lentamente os bracinhos e rir, girava o braço, ria, olhava a barriga, mexia, ria, numa diversão encantadora.

Então percebi que a luz que passava entre as partes vazadas das cadeiras formava bolinhas de luz, que dançavam conforme o corpinho dele se movia.

Ele achou aquilo muito divertido e eu fiquei encantada, porque ele tinha transformado em bolinhas de luz o que até então havia sido uma sombra na parede. E foi assim que ele me ensinou sobre a sensibilidade do olhar, a beleza em ver através do óbvio, de admitir novas possibilidades no enxergar.

Por isso, quando surgiu o tema sobre “o que é ser artista”, essa história me voltou à mente, porque para mim o artista é alguém com sensibilidade suficiente para transformar as sombras em luzes que dançam, fazer as cores se mover, criar sinfonias que fazem o peito inflar, escrever palavras que expressam o indizível.

A visão do artista, para mim, é a visão da eterna descoberta e encantamento, o mundo e seus contornos não se apresentam da mesma forma que para os demais. Então termino o texto da mesma forma como iniciei, sugerindo: leia Patti Smith e Rita Lee. Ouça Arnaldo Antunes cantando *O Seu Olhar...* “*O seu olhar , melhora o meu...*” . Talvez “*isso*” seja um artista, alguém com capacidade de melhorar nosso olhar.

Por um letramento artístico

Ewerton Ulysses Cardoso
Colunista e Editor da Revista O Odisseu

Qual é o papel da arte? Começemos a partir da literatura e da análise de Jean-Paul Sartre no livro “O que é a literatura?” (Vozes de Bolso, 2019):

"Tal é, pois, a 'verdadeira' e 'pura' literatura: uma subjetividade que se entrega sob a aparência de objetividade, um discurso tão curiosamente engendrado que equivale ao silêncio; um pensamento que contesta a si mesmo, uma Razão que é apenas a máscara da loucura, um Eterno que dá a entender que é apenas um momento de história que, pelos aspectos ocultos que revelam, remete de súbito ao homem eterno; um perpétuo ensinamento, mas que se dá contra a vontade expressa daqueles que ensinam." (p. 38).

Perceba que a definição de Sartre não nos permite chegar a uma definição de fato. É como se o existencialista francês se apropriasse da certeza dita por Platão sobre Parmênides, o Pai, e sua convicção de que não é possível “ser” e “não-ser” ao mesmo tempo. No diálogo “Teeteto”, Platão (ou Sócrates) contesta: é possível sim “ser” e “não-ser” ao mesmo tempo. Isso porque todos nós somos algo e também não somos várias outras coisas. Semelhantemente, a arte é e não é. É um discurso especial (como apresenta Bakhtin, também em sua definição de literatura), mas ao mesmo tempo não é específica. Ao pôr uma bula de remédio num livro de poesia, você lerá tal bula como poesia, mas se ela estiver, como tradicionalmente, na caixinha do remédio, você a lerá como bula.

Um amigo uma vez me alertou: “se a literatura tem um papel, é o papel de contradizer” e é! A arte, desde seus primórdios, vem questionando o senso comum, opondo-se a tudo aquilo que é tido como “certo”. Porque é na arte que está a expressão da confusão do ser, da existência caótica, nas palavras do poeta espanhol Calderón de La Barca:



*“Que é a vida? Um frenesi.
Que é a vida? Uma ilusão,
uma sombra, uma ficção;
o maior bem é tristonho,
porque toda a vida é sonho
e os sonhos, sonhos são.”*

E nas palavras de Guimarães Rosa: *“Viver é um rasgar-se e um remendar-se”*.

Apenas a arte dá conta da vida, da experiência que é estar aqui. E o que é estar aqui? É sombra? É luz? “É crepúsculo”, poderia dizer Lygia Fagundes Telles. Nenhum de nós é inteiramente bom, nem inteiramente mau, totalmente feliz ou infeliz. Mesmo o maior dos crentes tem dúvidas em sua fé e mesmo o maior dos ateus pode pedir socorro a Deus em momento de desespero. Por que, então, todavia, pedimos que a arte seja “parcial”, tome um partido, seja moral ou imoral?

Tenho certeza de que o neoliberalismo está matando a arte. Nele, a arte precisa ter um papel, ocupar uma função, não existe mais “a arte pela arte”, mas uma arte que precisa cumprir agendas. A agenda ultraconservadora é fatal, mas também a agenda das revoluções burguesas e de direitos civis/sociais.

Quando o coreógrafo brasileiro Wagner Schwartz tira a roupa e fica nu na performance “La Betê”, ele se torna imoral porque a agenda ultraconservadora não tolera o corpo. Espera-se, neste mundo neoliberal, que não se fale de corpo abertamente, que não se fale das coisas ditas “polêmicas” ou “subversivas”, mesmo que isso seja apenas um pênis flácido ou um seio de uma modelo na rede social que a plataforma bloqueia.

Neste mundo neoliberal, o que é subversivo fica às sombras: o homem de família vai para o puteiro, a pastora evangélica tem relações sexuais com os próprios filhos adotivos e leva-os a prostíbulos e depois mata o marido, o político conservador mata o próprio enteado com ajuda da mãe igualmente conservadora. Mas imoral é quem tira a roupa e fica deitado no chão como Wagner Schwartz fez. Sim, tolera-se o promíscuo nesta sociedade, mas apenas se for no escuro do escuro. Wagner precisou fugir do Brasil após muitas ameaças de morte. Em entrevista ao El País, ele diz:

“A arte é um território fora do controle, mas o fragmento da nossa performance – e não a performance – que se desdobrou de nossa proposta foi recontextualizado para articular tarjas ideológicas conservadoras, tais como: ‘a família brasileira’ ou ‘as nossas crianças’. Esse ato performativo também existe

enquanto experiência, mas, ao invés de expandir a relação das pessoas no mundo, ele a silencia através do medo. Esse ato performativo não propõe imagens emancipadoras, mas doutrina, reduz um conceito aberto à propriedade privada da crença de um grupo específico de pessoas.”

Correto, Wagner! Talvez apenas devamos frisar que não apenas os ultraconservadores fazem isso. A esquerda também tem uma agenda ideológica que pratica censura. O texto precisa ser sempre politicamente correto para ser lido como uma obra “boa”, e hoje em dia, um bom livro precisa, necessariamente, cumprir requisitos de pautas importantes. Fala-se muito em “livro necessário”, mas os nossos “livros necessários” também são bons em conceito estético? Nem sempre, embora em muitos casos sim (talvez na maioria).

Neste sentido, a esquerda não apenas julga o texto literário, como também olha demais para a vida do artista em busca de julgá-lo pela sua personalidade. Não sei por qual motivo, mas nos últimos meses ouvi muito a afirmação: “Clarice Lispector era racista”. Isso, inclusive, na academia. Cria-se a narrativa extremamente radical de que todo o cânone é excludente e que todo texto de branco só foi lido por ser texto de branco. Ora, não digo que não haja esses casos. Mas, vejamos, tirando de cena a Clarice Lispector racista e deixando apenas o seu texto, afirmo: vale a pena ser lido. Por isso, quando alguém me diz que Clarice é racista, eu automaticamente digo: “Não dou a mínima se ela foi racista ou não, o texto continua pertinente e bom”. Porque um escritor pode fazer um texto politicamente correto e ser uma porcaria.

Mas o que mais me incomoda na leitura politicamente correta é que não se sabe mais ler literatura. Numa sala de aula na Universidade Federal da Bahia, ouvi uma professora doutora afirmar que Chico Buarque era extremamente misógino por conta da música “Mulheres de Atenas”. Pergunto-me se nesse processo de estudo todo não se pensou que um autor pode se utilizar do recurso lírico.

Ora, quando Chico escreve: *“mire-se no exemplo daquelas mulheres de Atenas”*, ele não diz que todas as mulheres devem ser submissas, mas tece uma crítica muito inteligente ao modo como a nossa sociedade sujeita a mulher. Chico está sendo sarcástico.

Mas acontece que, em tempos da ausência de um letramento artístico, para não ser acusado de preconceito, você deve dizer com todas as palavras as

frases: “racismo é ruim, machismo é ruim”. Precisa-se ser didático porque ninguém sabe ler arte. Não entende que a arte *“tá te explicando pra te confundir, te confundindo pra te esclarecer”*, como diria Tom Zé. Desse lugar nascem os textos pobres e extremamente didáticos em que os personagens precisam fazer discursos sobre o que é preconceito, já não se pode sequer demonstrar o preconceito na ação dos personagens porque assim sobra até para os personagens que serão cancelados. Um dia um amigo me mandou uma mensagem desesperada dizendo que o personagem de Rachel de Queiroz era racista. Respondi: “querido, é uma personagem, você não pode abrir uma denúncia contra ela”.

Esse é o mesmo mecanismo de quem vê o coreógrafo deitado nu no chão e o vê como um potencial abusador. É o conservadorismo às avessas tão nocivo quanto. Se seguirmos com essa narrativa de criar personagens previsíveis e que precisam ser didáticos, iremos esvaziar a arte que se tornará, em pouco tempo, pura propaganda ideológica.

Ora, sou herdeiro de Lygia Fagundes Telles que se apresentava como uma escritora engajada (talvez eu também o seja). Não tenho problema com a escrita com o objetivo de mudar a sociedade, o meu problema é o método! O que é mais eficiente? Demonstrar o preconceito por meio de um texto complexo que cause reflexão ou simplesmente escrever um romance-tese em que estarão lá todos os elementos pedidos pela cartilha progressista?

Peço por um letramento artístico: que saibamos ler e entender um texto, uma performance artística, entender que o vilão da novela é apenas vilão na novela e que o ator não é o personagem e nem que o autor é o seu texto. Posso escrever as piores coisas e ser uma pessoa boa, assim como o contrário também é verdade. Na literatura não cabe “lugar de fala” ou então assim matamos o que nos resta de literatura. Se ao autor não é mais permitido se transmutar no outro e explorar a possibilidade do não-ser, que resta senão a produção literária que fala sempre de si? Ora, a escrita de si é válida também, sobretudo no consultório do analista, mas o poder de transformação, de ser outro que não você, é o que faz do escritor um deus. Matem isso e matem junto a arte.

O artista Tom Zé nú com o seu violão
(Reprodução)





O pensador Baruch Spinoza
(Reprodução)

Ensaio

O leitor escolhe seu túmulo

Hyann Pedro

Colunista da Revista O Odisseu

*“Onde foi troia
onde foi Helena,
onde a erva cresce,
onde te despi.*

(...)

*eu me sinto bem
e aí eu me sepulto
para sempre e um dia.”*

Carlos Drummond de Andrade, *O poeta escolhe seu túmulo.*

Esse é o poema que mais me vem à cabeça quando penso no dilema da autoria, mais do que *"Viagem na Família"* ou qualquer outro poema que vacila entre a biografia e a tradição literária. *"O Poeta Escolhe seu Túmulo"* é um contrapeso de tantas imagens que às

vezes parece indecifrável, e eu sempre acabo voltando para ele. Minha admiração por Drummond vive no fato de ele se afastar, pelo menos para mim, da tentação de encontrar “o que o autor quis dizer”. Tive uma professora no ensino médio que dizia que Drummond teve todas as sarnas poéticas que um autor poderia ter na sua época: fora moderno, cansado de ser moderno, ido à poesia mais clássica, fora muitos. E foi assim que aprendi Drummond, como sendo o poeta das possibilidades, do errar. Ainda que sua obra composta, revisada, traduzida, encaixotada, categorizada e canonizada, ele parece sempre um passo à frente ou fora do quadro esquemático geral. Afinal, Drummond é o poeta que escreveu *"O homem: as viagens"*.

Esse poema, *"O poeta escolhe seu túmulo"*, me lembra uma frase atribuída a Baruch Spinoza, na qual o máximo da liberdade é escolher a própria prisão. Entre a tradição já estabelecida, e as memórias da vida sentimental e cotidiana, o poeta não somente escolhe seu túmulo, mas também vacila entre o que parece a receita pronta para a análise simplória de uma obra. Análise na qual tudo pode se resumir: a tradição e cânone ou biográfica fria.

Fernando Pessoa, escrevendo biografias para seus heterônimos, com data de nascimento e até mesmo data da morte para alguns, entende o peso que a biografia pode ter sobre uma obra. Em outras palavras, um autor precisa de uma biografia, ainda que inventada. O que talvez explique fatos como alguns lugares na Grécia disputarem com voracidade o título de local de

nascimento de Homero. Ou ainda as intermináveis discussões em torno da existência, ou não, de Shakespeare. Sem falar nas discussões da internet no começo da guerra, sobre Clarice Lispector ser ucraniana.

Evidente que não há obra fora do seu tempo ou que não se constitua de elementos conectados ao contexto e local onde foi feita. Nesse ponto, dois autores vêm à mente. Spinoza ilustra como determinados profetas preveem segundo o seu campo de conhecimento e referências vividas. A profecia não está desconectada da vida do profeta, sendo ela e as coisas que viu, parte da matéria do que é dito. Jorge Luis Borges, no conto "*Pierre Menard, autor do Quixote*", narra a história de um homem que decide escrever "*O Dom Quixote*". Não uma versão ou uma cópia mecânica, o que Menard deseja é escrever sozinho o livro, letra por letra, palavra por palavra. Fora do contexto e do tempo de elaboração do livro de Cervantes, Menard precisa encontrar uma forma de fazer mais uma vez o Quixote. No entanto, ainda que consiga escrevê-lo, seria o mesmo livro? Teriam suas passagens o mesmo significado?

A influência da autoria sobre a obra e o que é um autor é uma discussão longa e bastante espinhosa. Amos Oz, em "*De amor e trevas*", aponta para o mau leitor. O mau leitor é aquele que está sempre buscando "a verdade", o fato biográfico que explica a obra. É o leitor que não consegue entrar na narrativa, pois, estando impregnado com a idade de uma verdade sobre o que leu, o que "aconteceu de verdade". Para esse leitor, não só a verdade assume um poder absoluto sobre a obra, quanto é possível fazer uma distinção clara entre o biográfico e a ficção, sendo sempre o biográfico preferível. É na história das pessoas que saíram do cinema depois de assistir "*Tár*" e foram buscar no Google sobre a biografia real de Lygia Tár. Elas ficaram incomodadas ao descobrir que ela não era uma pessoa real, sendo o filme uma ficção. Ao passar tanto tempo em busca do real na obra, discutindo se o autor existiu ou não existiu, muitas vezes não se lê a obra, a não ser para provar um ponto de vista.

O terreno do que é e do que não é ficção é borrado. Não há um fato isolado que consiga criar, sozinho e sem suporte, uma obra. Essa ideia está conectada com a ideia do gênio isolado e inato. A ideia do autor genial, que trabalha com aquilo por não conseguir fazer mais nada da sua vida, se não aquilo. Que doa a sua existência em nome da arte. Essa ideia esconde o trabalho em torno de horas e mais horas, de retrabalhar até que tudo tome forma. Esconde o treino, o fracasso, toda uma rede de contatos e apoios. Em nome de um

ideal se forja muitas vezes uma biografia, uma ideia que dê sentido ao texto, uma história biográfica que, assim como a obra, é uma ficção.

A resposta para isso, se houver, pode estar no conto "*O imortal*", de Jorge Luis Borges. O imortal, do conto, talvez seja aquele justamente que não soube ou não pode escolher seu túmulo. O mal leitor talvez seja o que não saiba reconhecê-lo, ou pior, aquele que em tudo enxerga uma data de nascimento, uma de morte, uma estrela e uma cruz.



Clarice Lispector: nascida na Ucrânia, naturalizada brasileira e com fortes laços com Pernambuco.

Foto: Correio da Manhã/ Acervo Arquivo Nacional (Reprodução)



Carolina Maria de Jesus, em São Paulo, 1961 (Divulgação)

Crônica

A escrita como necessidade vital

Matheus Xavier

Colunista da Revista O Odisseu

Café e papel sob a mesa; ora a caneta, ora o lápis entre os dedos. O relógio marca 14 horas de uma terça-feira qualquer. O ano é 2024. Dia chuvoso em solo tropical, diga-se de passagem. O calor, no entanto, exerce a sua tirania desde cedo, ainda que o seu tirano – o sol – não tenha dado as caras em nenhum momento do dia até então.

Há tantas explicações que, talvez, justifiquem o meu encontro com o papel, a caneta e o café – companheiro que, facilmente, pode ser dispensável neste ritual, mas que faço questão de torná-lo indispensável. Como não raramente tendo a uma prolixidade – para alguns – e, além disso, não pretendo correr o risco de cair em um metalinguismo saturado e pueril, serei piedoso com quem estiver lendo e, por isso, tentarei ser objetivo. Fato é: dentre tantas razões que me levam à sentar em

uma cadeira, apoiado sobre a mesa, em uma tarde de terça-feira habitual, para realizar o solene ato da escrita, seria, antes de tudo, o desejo, o amor e, não romanticamente, a ânsia para alocar o verbo na construção sintática almejada a fim de elevá-lo ao estado de graça. Digo isso porque, de maneira histórica ou contemporaneamente, discussões sobre o papel do artista, em suas variadas ramificações artísticas, vêm à tona com uma certa frequência. Mas afinal, o que seria ser artista? Quais os desafios e as glórias que um artista carregaria consigo?

Antes de pensar, efetivamente, nos desafios e nas glórias que envolvem o fazer artístico, é preciso destacar que essa produção possui várias modalidades que expressam a pluralidade que existe nos variados âmbitos artísticos – literatura, dramaturgia, cinema, desenho etc. No meu caso, ainda que eu tente tratar a questão de maneira ampla, irei me concentrar, com mais fidelidade, no âmbito literário. Pois bem. De maneira geral e particularmente, não costumo ter uma visão platônica ou, até, romantizada sobre a figura do artista; para mim, o artista é sempre alguém movido por uma espécie de necessidade ontológica, quero dizer, um ímpeto que lhe tira o sono ou que lhe causa fome – considerando que os atos de dormir e o de se alimentar são vitais para a sobrevivência e para a saúde humana. O artista, em outras palavras, seria aquele que encontraria o gozo vital no seu objeto e no próprio fazer artístico, mas não digo isso em um sentido romântico –

o que implicaria, afinal, uma certa contradição da minha parte –, mas sim no sentido de um cultivo genuíno e autêntico do seu objeto e da sua produção. Isso significaria que o artista exerce, por uma necessidade vital e autêntica, um compromisso estético necessário que teria o fim em si mesmo – no sentido de que o próprio ato de produzir, com seus sabores e dissabores, ou seja, com suas glórias e desafios, é capaz de satisfazê-lo, ainda que a plenitude dessa satisfação seja, talvez, inatingível.

Ser artista, na minha modesta perspectiva, então, é mover-se por essa necessidade que se tem pelo objeto (no caso da literatura, romance, poesia, crônica, o texto dramático etc) e pela produção, de modo que há uma relação um tanto paradoxal: o prazer do artista residiria no simples ato de se entregar ao exercício – o tateamento do objeto – e isso evidentemente te satisfaz, ao mesmo tempo que, por outro lado, haveria uma insustentável insatisfação provocada, na maioria das vezes, por um fetiche de se alcançar a perfeição, fazendo com que o artista questione a sua produção ou, até mesmo, duvide de si mesmo enquanto produtor, ou seja, enquanto “fazedor de arte”. Isso se configura, portanto, em uma dimensão individual referente ao artista enquanto sujeito, movido por suas respectivas motivações.

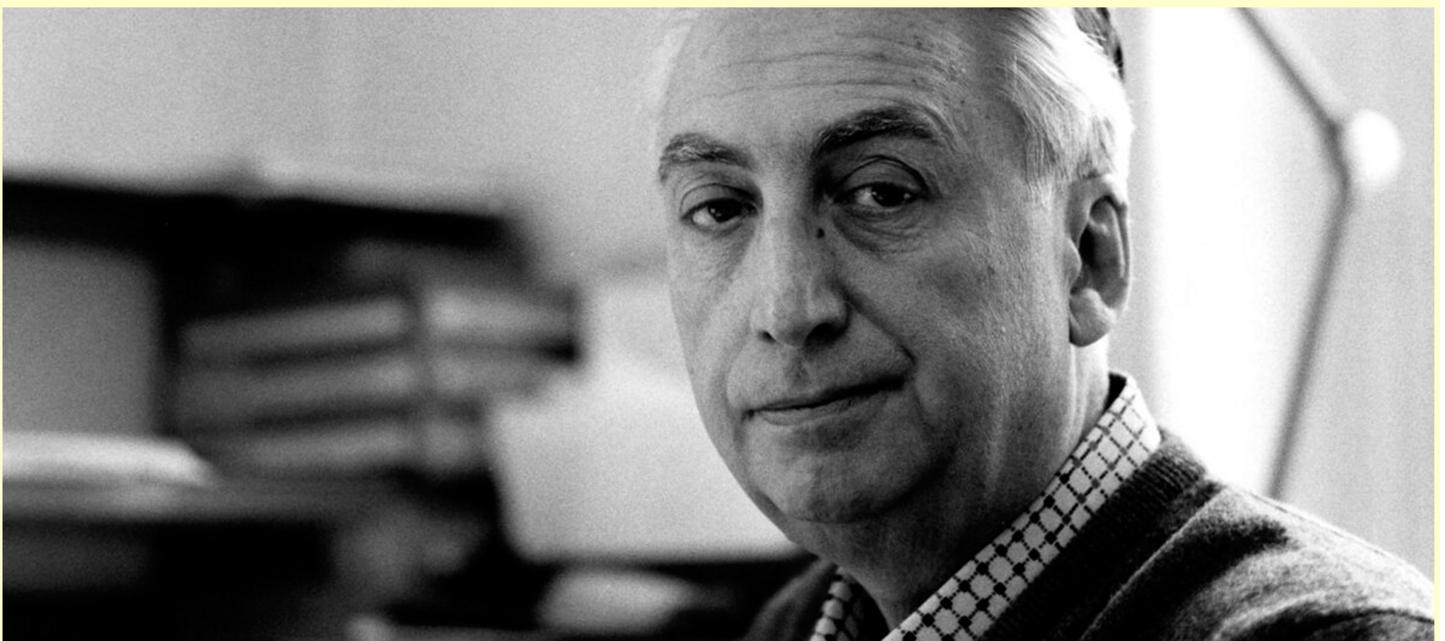
É preciso, além disso, considerar a dimensão social que envolve o trabalho artístico. Essa dimensão, porém, diferente da que fora ilustrada anteriormente, é permeada historicamente por aspectos socioculturais vigentes ao longo do tempo, bem como por questões socioeconômicas.

Isso significa dizer que o artista, enquanto produtor artístico, é atravessado por toda uma conjuntura que pode, direta ou indiretamente, incidir em sua produção: um romance realista do século XIX, por exemplo, é capaz de abordar diversos elementos culturais e econômicos de sua época – o romance (gênero literário), *à la* Lukács, como um relato das formas sociais de vida; ou, ainda, a escritora Carolina Maria de Jesus que relata, autobiograficamente, o seu cotidiano degradante, proveniente de uma estrutura social racista e economicamente desigual; há, ainda, a dramaturgia escrita por Ariano Suassuna, carregada de uma riqueza regionalista de caráter popular e que, também, foi influenciada pela literatura de cordel; enfim. São exemplos de como o artista pode, por meio da sua arte, relatar – e até criticar – questões sociais, culturais e econômicas suscitadas no seu tempo histórico.

No âmbito dos desafios enfrentados pelos artistas, posso afirmar seguramente que eles são vários. Por exemplo, aquilo que eu chamava, anteriormente, de insustentável insatisfação, proveniente de uma relação paradoxal que surge no momento em que o artista está produzindo a sua arte, pode ser considerada um desafio – um desafio mais individualizado. Isso porque, por outro lado, há um componente estrutural que pode interferir na individualidade e, portanto, na autenticidade da produção do artista. Com isso, me refiro ao atual estágio vigente do capitalismo que, cada vez mais, transforma tudo – tudo – em mercadoria, inclusive a arte.

É nesse ponto que entra uma premissa fundamental: o artista, antes de sê-lo, é ser humano. Logo, o artista –

Roland Barthes (Reprodução / BBC)



muitas vezes tão desvalorizado socialmente sob a ótica do reconhecimento social e financeiro – também é gente e, por essa razão, precisa sobreviver. Aqui reside, na minha opinião, o principal desafio para o artista nos dias de hoje: como garantir a autenticidade criativa dentro de um cenário em que o neoliberalismo se aprimorou ainda mais e promove o reducionismo estético em que a arte é tratada apenas como entretenimento, transformando-a em meros produtos para nichos de mercados específicos, visando não mais a qualidade estética, mas sim – e somente – o caráter massificador e lucrativo a qualquer custo? Deixo, intencionalmente, essa questão em aberto...

Pra não dizer que não falei das flores, todavia, há muitas glórias no fazer artístico. As glórias dessa produção estão intimamente ligadas ao ser, quero dizer, ao ser artista. O artista se entrega, por vontade, ao seu objeto. Tateia-o, tece-o. No início desta crônica, comecei dizendo que pretendia elevar o verbo ao estado de graça. Quem se entrega à escrita vive um pouco disso. O labor artístico de um literato é atravessado por essa necessidade vital, essa potência de vida, como queira chamar. O artista é movido por essa excitação intelectual que é capaz de provocar múltiplos orgasmos. Não só no próprio criador: em quem se debruça perante a sua criação principalmente.

Certa vez, entregando-me aos *Fragmentos* de um discurso amoroso, de Roland Barthes – linguista e teórico literário – li a seguinte frase, no fragmento denominado A conversa: “*a linguagem é uma pele, esfrego a minha linguagem no outro*”. Esse trecho me marcou profundamente e, ousou dizer, que essa seja a principal glória de um escritor, afinal todo escritor é, antes de tudo, um leitor. Leitura e escrita, nessa relação, são uma via de mão-dupla. Ao fazer um texto, revelo o que penso e entrego ao mundo algo próximo do nascimento de um bebê. A escrita, portanto, é a externalização de uma intimidade, de uma ideia, de um sentido; também pode ser a criação de histórias, de outras vidas, de outras possibilidades. A linguagem é uma pele em que, ao tateá-la, é possível entrar em contato com o outro, com o mundo, consigo mesmo. A linguagem é uma pele e, como aspirante a escritor e ávido leitor, prolongo este contato. Tudo isso motivado por essa necessidade vital que, sem ela, seria impossível viver.

Foto: Allison Christine (Unsplash)



O mal que a poesia me fez

Paulo Zan

Colunista da Revista O Odisseu

escrevia letras de música. escrevo. mas por um bom tempo não escrevi. deixei de escrever. ou passei a escrever de modo diferente e dar outro nome a isso. poesia. com muitas ressalvas. pois poesia parecia sempre algo muito difícil e longe. e eu não sabia bem o que era. apenas o que me parecia. mas quando lia ou ouvia alguém dizendo um poema. era como se o mundo entrasse em suspensão. e todos nós ficássemos pequenos e frágeis. um sentimento estranho que a filosofia não era capaz de me proporcionar. mas a poesia era. é. continuará sendo. caso ela não me abandone. dizia-me contista. poeta parecia algo muito classudo. poeta era fernando. eu era mais um menino. mas ela persistia. me rodeava. espreitava. vinha em meus sonhos trazendo imagens. levando-me a duvidar da escrita. da própria vida. e tudo em suspensão.

era um alívio quando escrevia um poema.

era uma tristeza quando nada me vinha. parecia que ela havia encontrado melhor caminho. e cortado os fios que nos unia.

talvez porque eu só buscasse por ela nos momentos de extrema tristeza e melancolia. quando me sentia sozinho. quando não queria mais arte com a vida. e ela queria felicidade. estava cansada de ser só sofrer. mas eu não sabia fazer chocolates.

fernando sabia.

era por isso.

eu só buscava por ela quando sentia saudades. eu só busco por ela quando sinto saudades. ainda sou assim.

e ela persiste. companheira fiel. não foi embora.

deu novos nós nas linhas rompidas.

cozeu um novo caminho.

alargou a estrada.

voltou pra casa. ficou.

era eu poeta e não sabia.

pedi desculpas. voltei a cantar. escrever. rezar.

fiz as pazes com a poesia.

Crônica

Em Busca do Momento Presente

Nico Hirata

Colunista da Revista O Odisseu

Li recentemente a obra “*Agora Agora*” do escritor fluminense Carlos Eduardo Pereira, publicada pela Editora Todavia, e agora me pego pensando sobre essa capacidade artística de desafiar o tempo à procura do momento presente.

Um dos poderes mágicos de todo artista é controlar o holofote da obra e movê-lo para as sombras das mentes alheias, iluminando aquilo que seria de outra forma esquecido.

Com literalidade ou discrição, constantemente ou de forma breve, o artista colocará o foco de luz sobre aquilo que lhe é mais caro e que, por falta de igualdade, acabou sendo condenado a viver em um depósito mental que contempla tudo aquilo que para os outros são detalhes, mas que para o artista é um sopro de vida, o que realmente importa.

E o que importa pode ser o menos complexo dos pensamentos, os instantes em que um chapéu rodopia no ar guardando consigo toda a dor de alguém que foi expulso de casa, ou o momento em que o olhar de um cão encontra o olhar de uma menina. A questão central é que ninguém se importou e o sopro de vida nasceu e morreu em vão. Ninguém, com exceção do artista que, irrisignado com a ideia do esquecimento e da não-existência do momento sublime, consagrou, por meio da arte, esse esbarrão de frente com a verdade.

Agora Agora retrata sempre no presente a vida de Jorge Ferreira Neto, Jorge Ferreira e Jorge Ferreira Filho, que, embora diretamente entrelaçados pelo sangue, passaram juntos pouco tempo ou quase nada. Três vidas recheadas de momentos que importam à geração seguinte, repletas de ações e pensamentos que marcam cada um a sua época, e que quando narradas em sequência, quando entram no foco do holofote do autor, revelam pedaços de histórias cotidianas, esquecidas,



O autor Carlos Eduardo Pereira
(Divulgação)

mas que na narrativa de Carlos Eduardo Pereira dizem a todo momento: esse fragmento de vida importa, e esse também, e esse outro, e tudo isso importa, agora agora, salvando tantas vidas do olhar do vivente mais desatento, que só vai perceber tudo que importa quando contar a história retroativamente, no pretérito, numa cronologia ordenada que nada tem a ver com as almas dos seres, que só existem no presente.

Isso graças, é claro, a essa forma elevada de liberdade, a liberdade poética, que permite ao artista capturar o presente de um momento que já passou, lembrar-se de um acontecimento pretérito que ainda está por vir, e até mesmo sofrer por algo que nunca foi.

Agora Agora não é o filme em si, pronto, feito, bem-passado, nas telas dos cinemas e dos aparelhos, no conforto dos ar-condicionados ou nas salas de casa, mas a própria experiência de segurar a câmera e atravessar o tempo, olhando pelas lentes a vida em movimento. E Carlos, o artista, é nosso diretor, que nos diz: foque ali, deixa eu te mostrar o que está acontecendo enquanto você está ocupado olhando para o todo, esperando algo sublime acontecer, e que nunca será tão urgente quanto o Agora.

A Revista O Odisseu tem compromisso com a crítica literária

Fazer a Revista O Odisseu acontecer envolve o trabalho incansável de voluntários que acreditam que a literatura tem papel fundamental na construção da identidade nacional.

**Este conteúdo chegou
gratuitamente a você! Ajude
para que mais pessoas
conheçam o projeto**

**Compartilhe que você recebeu a Revista nas redes sociais e marque a
gente no Instagram! @o_odisseu**

**Ajude a nossa campanha de financiamento coletivo no Apoia-se com
valores a partir de R\$ 5. Veja o link abaixo:
<https://apoia.se/revistaoodisseu>**

**Faça um PIX de qualquer valor para nos incentivar neste sonho!
Nossa chave pix é o e-mail da revista:
revistaoodisseu@gmail.com/Nubank**

Água fria

Adriano Bonfim

Autor colaborador

Um dia foi domingo em Salvador. O tempo estava frio. Nunca irei entender como funciona o tempo desta cidade: Um dia, quente demais, outro, frio demais. Sinto que precisarei me cobrir além do normal... Moro na última parte do morro que já é friento normalmente. Em dias assim, apenas recolhia meus retalhos e tentava me aquecer durante à noite. O mais engraçado é que moravam 6 pessoas em um barraco que deveria caber apenas duas pessoas. Quem inventou a necessidade deveria aprender a calcular m². Definitivamente, um barraco não é um local para se viver.

Antes de me deitar, observava se meus irmãos estavam bem acobertados. Nesse processo, percebia que não, mas dará conta da noite. Com dois passos, entro onde minha mãe e minha vó estavam. Não fico espantado com que vejo: estavam com os mais finos e mais rasgados lençóis. Naquele momento, quando olhava para cada canto do barraco, pensava em cada pedaço de tábua que estava no nosso cubículo. Olho atentamente e sinto que uma fissura no tempo é feita e sou levado aos momentos que marcaram nossa primeira fase em Salvador.

Mainha tinha se separado, era violentada pelo meu pai; minha vó já era idosa e mal selocomovia; meus irmãos, mesmo com tudo ruindo, estavam bem. Buscando um novo recomeço, pegamos nossas trochas e viemos para cá, sem nada, apenas com uma mão na frente e outra atrás.

Sabe a pior parte da pobreza? é que ela te abraça e faz com que cada ato de sua sobrevivência seja um memorando do quão pobre você é. Os jornais, a moda, as casas, as ruas, roupas e comidas te darão um aviso único do quão pobre você é e será.

Continuava a lembrar. Olho para a porta e recorro de que precisávamos sair do morro para chegar em uma casa de material de construção, pedir pedaços de madeira e ir juntando. Minha mãe sempre dizia: não há o que se preocupar, vamos conseguir. Podemos olhar essa madeira de duas formas, ela dizia, como uma lasca, um pedaço ínfimo e sem serventia ou como um aglomerado de lascas que irão fortificar nossa casa.

Somos como madeira: duras, mas úteis. Sempre ria nos úteis e deixava isso ecoar em minha mente. Agora, percebo que, na verdade, por dentro das palavras, havia uma vibração que se enrolava em medo. Minha mãe sabia que não podia se permitir a ser fraca. Ela, astuta como sempre, buscava meios que pudessem nos acalmar e possibilitar que o medo fosse, ao menos, dissimulado.

Em meio ao frio, abria um pedaço de pano, jogava-o no chão e deitava. Com as luzes apagadas, ouvia a respiração de minha mãe, uma respiração ofegante; meus irmãos sempre são silenciosos; minha vó é misteriosa. Nunca sei se ela dormia ou ficava acordada. Às vezes, sentia-a como uma vigilante sempre atenta. Se uma agulha caísse, ela saberia; se algo sumisse, ela saberia; se um neto estivesse triste, tenha certeza que ela saberia.

Ao colocar minha cabeça em meu lençol, tentava me aconchegar em meio à dureza do chão. Tentava achar

Foto: Tom Barret
(Unsplash)



afago em meio às madeiras que me faziam enganar e acreditar que não tinha cama. Tinha, sim, esta é a minha cama. Repetia isso por vezes até meu cérebro cair no sono.

Pela madrugada, sentia uma frieza em meus pés, beijava-os com leveza e constância. Sentia que o frio chegava. Aconchegava-me entre as cobertas e parava. Voltava a dormir.

Pouco tempo depois, sentia mãos aflitas em meu corpo, mãos geladas, como se tivessem colocando-as em uma geladeira e logo após em meu rosto. Eram as mãos de minha vó me acordando. A água tinha invadido o barraquinho e estava por toda parte. O frio foi apenas um presságio do toque agourado.

Levantei-me às pressas e fito o barraquinho: todo cheio de água. A água fazia morada em todas as partes, entrando e vociferando tudo que encontrasse. Os lençóis que cobriam minha cama, agora se tornaram corpos esquecidos e levados pela água, corpos que andam sem caminho.

Com rapidez, acordo meus irmãos. Ainda não tinham sido molhados, pois dormiam em cima de um sofá que fizemos de paletes. Olhava em seus olhos e via o medo. A água cintila em suas íris. Acordados às pressas, os abraços rapidamente e digo que tudo ficará bem. Minha primeira mentira é contada.

Com minha avó e meus irmãos, os encaminhava para a porta. Foi um erro abri-la. A torrente outrora na rua, agora invadia a minha casa totalmente. Minha mãe que mal acabara de acordar, é levada ao chão com o baque frenético da água em posse da nossa casa.

Olhando para o fundo do barraquinho, via que uma fenda foi aberta e qualquer um poderia ser levado. Tentava pegar os braços de minha vó. A pego com força; com o outro braço, puxava meu irmão e ele fazia o mesmo com nossa irmã. Minha mãe estava se segurando nos lençóis que se emaranharam e estavam presos.

Enquanto a água nos atravessa e invadia nosso barraquinho, tentávamos não ser divididos pela água. Tentávamos não ser levados por ela que entrara sem convite e queria todo o espaço.

A torrente era forte, jorrava com força e agressividade. Em meio ao marrom do medo que se fundia com a cor da água, consegui abraçar minha vó e meus irmãos. Ao olhar para minha mãe, via a dor, o

medo. Ela olhava para mim e para o buraco que havia sido formado no fundo do barraco. Em um ataque súbito, minha mãe se oferecia como um acordo com a invasora: Ela se jogou com força no buraco formado. A pressão antes exercida sobre a madeira, agora vocifera o corpo dela.

Minha mãe se ofereceu para nos salvar. A chuva passa, o sol nasce. Em meio aos destroços, o corpo da minha mãe se encontra.



Ficção

Selva Branca

Marcus Vinícius Rodrigues

Autor convidado

Mas por que não anda? A televisão não está filmando aqui... Cantando pra quem? Ah, vai agradecer... De novo... Vai ser o carnaval inteiro assim... Essa velha pedindo atenção é quem? Fazendo o que aqui nessa idade? É fácil ficar na marquise parando os cantores. Queria ver aqui embaixo. Tudo parado. Na ladeira do cristo, véi, na moral... Pegava o embalo e subia logo. Os caras empurrando. Não tá vendo que parou, miséria? Vai pular pra lá. Povo brabo. No Crocodilo era melhor. Quer dizer, muito gay... Eles dão em cima da gente, mas esses caras aqui são demais. Não tá vendo que o bloco parou? Quer ir pra onde? É carnaval, viado, pula aí a sua cachaça. Bando de marmanjo caçando. Ainda bem que não estou mais do lado trio. Cansado de ficar no meio da confusão deles, os caras cantando as meninas no meio-fio. Elas dão mole. Aquele cara puxou a mina pra entrar. Eu disse que não podia, quase apanho. Depois foi ela que quis sair, não aguentou tanta mão em cima. Pisou no meu pé. Agora elas vêm com sapato alto. Pra quê? O cara agarrou pra beijar, ela gritou e enfiou o joelho nele. Mulher retada. Ele empurrou pra trás, ela bateu na corda e quase vira no chão. Segurei e levei o pisão. Bem no tênis amarrado com fita isolante. Nem adianta mexer.

Se tirar perco o tênis. E vou fazer o quê? Deixa quieto. O pé aguenta. Aqui na frente a guerra é outra. Puxa e para, puxa e para. A velha conhece ele do Tororó, de quando começou. Tinha carnaval no Tororó? Uma festa qualquer, ela diz. Pede a música *o mistério das estrelas*. Velhona essa. Aí ele soltou um será que ainda sei? Oxe. Cantou lá antes do farol. Que mentira. Cantor é tudo mentiroso. Olha aí. Nem gaguejou. Eita que o povo vai se acabar. Pulo também. Tem de seguir a onda. Agora vai andar. *Viajando no luar...* Que nada. Parado. *No silêncio do luar...* O povo enlouqueceu. O povo quer pular pra frente, por que não anda? *Segura, motô*. Que foi agora? Cantou só uma vez e parou. Rapaz, tá de brincadeira. Quer mais o que com essa velha? Fosse minha mãe já tinha mandado seguir. Não para Jeferson. Acaba logo essa parede, deixa de ser preguiçoso. Mania de dizer que eu sou preguiçoso. Eu rebocando a parede pra ela ficar com a casa bonitinha e ela me chamando de preguiçoso. Reboquei, pinte de amarelinho. Só porque faltou tinta... Só uma demão... Mas ficou bonita, limpinha. Ela foi falar que tava manchada porque o preguiçoso do Jeferson não deu uma segunda demão. Dinheiro pra tinta não arranhou, né? Nem argamassa. Tava só no reboco. Preguiçoso. Olha onde eu estou, mãe: puxando essa corda aqui. Vem cá ver a preguiça. Na quinta de manhã compro a tinta e pinto tudo de novo. Quarta sai a grana daqui. Eles disseram que pagam logo na quarta dessa vez. Ano passado foi aquela briga, levei mais cotovelada do que estou levando aqui. Quer dizer; nem sei. Hoje tá barril. Ano passado foi Crocodilo. Os gays brigam menos, mas pulam demais, se jogam de um lado pro outro, ficam dando em cima da gente. De mim não. Comigo não mexeram. Encarnaram no Flavinho. *Oi, moreno; ei, pretinho*, passavam a mão. Eu fechava a cara e eles, nada. Flavinho acho que tava gostando. Eu não ia gostar, mas não mexeram comigo. Aqui veio um cara passando a mão. Eu pensei logo: lá vem os gays. Não sabia que aqui tinha gay. Eles estão em tudo. Mas, não... O cara tava apalpando pra roubar. Playbozinho de bloco. Comecei a pular e dei um empurrão. Fingi que foi a corda. Não ia bater no cara do bloco... Todo alterado, de galera, filhinho de papai. Se eu não apanhasse, se batesse, ia acabar apanhando da polícia. Ele ficou rindo de mim. Cara de menino amarelo, criado em playground, mas bandidinho. Deve achar divertido roubar a gente. Meu único vinte conto pra uma cervejinha em ondina e o cara queria passar a mão. No Crocodilo, eles até davam cerveja para gente longe do fiscal. Flavinho toda hora recebia um gole. Eu, não. Ficada do lado dele, mas de boa. Ninguém mexia comigo. Lá era mais tranquilo. Daniela agita mesmo, mas os gays só pulam. Bell é essa guerra aqui embaixo. A gente na corda separando o povo de fora dos parmalat de dentro. Invenção desse povo de sair com Bell. A

velha continua falando. Confusão debaixo dela. Pronto. O fiscal me puxa. *Vai reforça ali, jef.* Lá vou eu pro lado, bem embaixo de Bell. A velha tá chorando. Uma briga bem embaixo, a fila da polícia passou e levou um, abriu um clarão. A gente puxa a corda pra perto do trio. Bell falou: *não mexe com meu povo.* A velha tá gritando uma coisa. *Moranguinho no copinho...* Bell gostou. Ele tá se despedindo enquanto a guitarra começa. Vai andar, vai andar. Poxa, fiquei no lado errado. Queria ter ficado do lado da praia. No espanhol vou amargar um calor virado pro morro. Ai ai. Pisaram no meu pé de novo, o mesmo do pisão da menina. O brancão pediu desculpas, mas adianta de quê? O grandalhão amassou meu pé. Agora já era mesmo... Falar com o fiscal... Não. Deixa quieto. *Pra te espiar, eu dou a volta no seu muro...* Vai andar. Lá adiante eu tento sair daqui. Não tô mancando. Passando do cristo vai rápido até a Aeronáutica. Já, já acaba. *Moranguinho no copinho esperando por você.* O brancão voltou e me deu uns tapinhas nas costas. Força, moleque. Tá com uma água na mão. Até pensei... Nada. Tá doidão cantando. Bell nem canta mais, deixa o povo. O brancão canta errado: *eu dou a volta, pulo o muro, seu mundo, seu mundo.* Levanta as mãos, pula. A música lenta e ele pulando. É pra andar, pivete, a música é pra andar. Anda, vai, sobe logo essa ladeira. Tá todo mundo se arrastando. Essa música nem serve pra carnaval, só serve porque o povo bêbado já tá cansado. É andar até ondina, a cachaça na caveira. Pelo menos, andando, a corda fica leve. No Crocodilo não tem essas musiquinhas de marcha. Daniela inventa umas coisas esquisitas, toda hora uma novidade. Falta a musiquinha de andar, o passinho. Os gays nem ligam. Um pegou Flavinho pra beijar à força. Ele se saiu e ficou rindo. Ficaram cantando pra ele: *ê, pérola negra, pérola negra ilê ayê, minha perola negra.* Faziam a coreografia de Daniela pra ele. Comigo não mexiam. O brancão quer que eu pule com ele. Tá rouco de gritar. *Faço o que quiser de brincadeira, carrossel no céu, selva branca, e nascer em cada estrela...* Ele pisou no meu pé de novo. Quis dar uma porrada nele. Cadê que consegui? Cai no chão. Quase passam por cima de mim. O asfalto quente, o abafamento. Bell não par de cantar. E o muro do seu mundo era saudade... meu pé, meu pé...

— Quebrou.

Meu tênis já era, nem tá aqui. Cortaram com uma tesoura lá mesmo no posto onde me largaram. Só de apertar, o homem disse que quebrou. Doe. Fiquei esperando até de manhazinha pra me levarem pro pronto-socorro. Dois colegas me levaram pro posto e me deixaram lá. O povo mangando. O brancão continuou o carnaval dele. Nem aí pra mim. Raio-X. Agora vão engessar. O homem pega um algodão e joga

um líquido. Começa a limpar meu pé. Sobe um cheiro forte. Parece Loló. O homem está limpando meu pé com lança-perfume. Que doído. Quero dizer que o pé tá sujo da avenida, que eu tomei banho antes de sair de casa, aparei a água no balde e me lavei. Botei perfume porque o povo anda perfumado nos blocos. Os gays do Crocodilo são muito cheirosos. O brancão, não. Tinha um cheiro azedo de galinha crua. Os gays do Crocodilo nunca mexeram comigo. Eu uso perfume, corto o cabelo, reboco a parede de minha mãe... Quarta-feira eles pagam... Não sei se vou receber... O carnaval já era... Ano que vem vou pedir para trabalhar no Crocodilo... *Moranguinho no copinho... Pra te espiar, eu dou a volta pulo o muro...* Não. Tá errado. *Eu dou a volta no seu muro eu pulo seu muro.* Quem dá a volta no muro? Vou dar a volta no mundo eu vou, vou ver o mundo girar... Não, não. *Pra te encontrar, eu dou a volta no seu mundo, eu mudo seu mundo.* O brancão cantou errado. *Faço o que quiser de brincadeira, carrossel no céu, selva branca, e nascer em cada estrela...* o que é selva branca? Não faz sentido. *Carrossel, estrelas... Selva branca? Eu mudo seu mundo.* Não. *É pula o muro. Dá a volta e pula o muro. Selva branca.* O cheiro do lança-perfume do homem... Éter? O muro é de Lulu Santos. *Mergulho no escuro. É isso.* O homem engessou meu pé. Acabou o carnaval, o dinheiro. O homem me dá uma gaze, diz que é pra eu limpar o olho. Todo delicado, parece gay. Os gays do Crocodilo passando a mão em Flavinho. *Moranguinho no copinho esperando por você.* Eu pego a gaze e enxugo o olho. Carrossel no céu, selva branca. Eu dou risada. Não faz sentido essa selva branca aí. O que é uma selva branca? *Eu dou a volta pulo o muro... Selva branca... mergulho no escuro...*



Foto: Danilo Alves

Crítica

Duas Cidades: Uma leitura de 'Selva Branca'

Ewerton Ulysses Cardoso
Editor da Revista O Odisseu

U sei os meus poderes para pedir a Marcus que escrevesse um conto sobre um cordeiro. Pensei que apenas ele poderia fazer tal coisa. Ora, Marcus nunca foi cordeiro e, pelo que sei dele, passa longe do carnaval. Por que então pedi o conto a ele e acreditei tanto que ele poderia concluí-lo. Tenho meus argumentos.

Primeiro que o cordeiro é apenas um subterfúgio para

falar da personagem recorrente de Marcus nessas décadas de carreira: a cidade de Salvador. A personagem é protagonista nos livros “A Eternidade da Maçã”, “Cada dia sobre a terra” e “O mar que nos abraça”. Tenho convicção de que poucas pessoas conseguiram escrever Salvador como Marcus escreveu. Primeiro, pela referência cartográfica (ele odeia essa palavra) de precisão quase como um GPS da Google. Marcus não cita apenas os pontos turísticos importantes, mas ruas, escolas, becos, vielas, cantinhos da cidade que ninguém conhece. Ele vê e com sua precisão lygiana consegue pensar que há ali alguma possibilidade de investimento literário. Está sempre correto.

Em “Selva Branca”, o trabalho foi mais fácil. Menciona a Ladeira do Cristo e os pontos mais importantes do circuito carnavalesco de Salvador. Ainda assim, há desafios. Quem lê o texto tão cheio de gírias e não conhece o autor, talvez não imagine que a coisa mais rara do mundo é ouvir um “véi” sair da boca de Marcus Vinícius. Veja, esse homem erudito em momento algum apartou-se do mundo e se reservou na sua erudição. O popular e o *cult* transitam na mente de forma semelhante ao sagrado e o profano.

Portanto, sabia que ele saberia escrever sobre um cordeiro. Engraçado, eu não pedi que fosse em primeira pessoa e me reservei ao direito de esperar que o autor se expressasse. Queria ver se ele aceitaria o desafio de corpo e alma e se metamorfosearia no cordeiro ou faria apenas observação distante. O resultado você pôde conferir há pouco. O conto mergulha na subjetividade do rapaz que trabalha segurando as cordas. A inquietação, o medo, a força, o desejo. Está tudo ali. Não traça ali um retrato maniqueísta, colocando o pobre como mero oprimido e o rico como o algoz. Na verdade, isso importa pouquíssimo no desenvolvimento do personagem. Porque o cordeiro não está interessado em discutir classe, está interessado apenas em chegar ao fim e ganhar o seu dinheiro. A discussão de classes somos nós que fazemos, de modo que cabe a deixa: é justo que uns tenham tanto acesso ao carnaval e outros não?

“Selva Branca” é o retrato do carnaval da Bahia. Há dois: o dos que curtem e os que trabalham. Reflexo da cidade de Salvador. Há duas: alta e baixa (e várias outras entre elas). A ocupação do carnaval apenas deixa explícito a desigualdade com a qual convivemos. Talvez seja no carnaval que o cordeiro tenha um tempo para ir à Barra, lugar que, embora popular, também é elitizado. No carnaval encontra-se todos os opostos e todos são tudo em todas as coisas. Até mesmo Marcus Vinícius Rodrigues é cordeiro no carnaval.



Foto: Brandon Erlinger-Ford

Ficção

Arte Canibal

Pedro Henrique Rodrigues

Editor da Revista O Odisseu

No dia 15 de janeiro de 1992, por volta das onze horas da noite, um jovem negro com algemas, seminudo, com o desespero estampado em sua face se aproximou de uma viatura policial na Avenida Trancoso Borba pedindo por socorro. Os policiais se entreolharam e agiram com cautela; o bairro era historicamente conhecido pelo altos índices de criminalidade. Não obstante, os policiais estavam insatisfeitos por terem sido alocados para fazerem vigília naquele lugar de maioria negra e estrangeiros asiáticos, com vários pontos de tráfico de drogas, prostituição e mortalidade. O homem negro, chamado Eduardo, exclamou quase aos prantos que um homem que mora nas vizinhanças o tinha convidado para um encontro em sua casa e lá, foi algemado e ameaçado de

morte com uma faca. Implorou para que os policiais retirassem a algema, o que não foi possível. Rumaram até o apartamento 329 do prédio Eldorado na Rua dos Vanguardas, onde Gilberto, um homem de alta estatura, branco, loiro, olhos verdes e barba, recebeu os policiais com voz calma. Gilberto assumiu que tinha colocado as algemas em Eduardo, mas disse que era apenas fetiche sexual sendo realizado com consentimento de ambas as partes. O policial Jorge pediu para que Gilberto dissesse onde estava a chave das algemas e, enquanto olhava pela sala em busca da faca, o policial Luís foi até o quarto, onde as ameaças ocorreram. Gilberto respondeu ao policial Jorge que iria buscar as chaves, no que o policial respondeu duramente para que ele ficasse exatamente onde estava.

Ao chegar no quarto, o policial notou que a faca mencionada por Eduardo realmente estava lá, sobre uma cômoda do lado da cama. Eduardo se mantinha no corredor fora do apartamento. Ao se aproximar da cômoda, Luís notou que a gaveta superior estava entreaberta, repleta de polaroids. Ao averiguar o conteúdo, notou que se tratavam de corpos e partes de corpos em posições acrobáticas. Olhando ao redor de si, percebeu que era o mesmo ambiente no qual as fotos foram tiradas. Uma mancha escura no carpete e o cheiro de produto químico forte deixaram o policial em alerta. Saindo correndo do quarto e segurando algumas das fotos, Luís gritou para Jorge algemar rapidamente Gilberto. Sem muitos problemas, Gilberto foi detido pelos policiais. Ele sabia que tinha chegado o fim da linha, quase como se implorasse para que isso logo acontecesse. Enquanto averiguava o apartamento, Jorge notou na geladeira pacotes plásticos com carne humana, cabeças decepadas enfileiradas, conjuntos de mãos e pés, além de órgãos genitais devidamente organizados.

Em outro quarto pequeno do apartamento, Jorge ficou ainda mais atônito. Sob a luz oblíqua do poste de iluminação que entrava pelas frestas da janela semi coberta por uma cortina preta, um altar se revelava diante de sua visão. Na mesa preta sob a janela estavam dispostos em fileira dez crânios pintados, com incensos na borda da mesa. Atrás da mesa, uma luminária de chão com globos azuis estava desligada. De cada lado da mesa, um esqueleto pintado. A cena macabra fez a cabeça de Jorge virar. Da sala, algemado e deitado no chão sob a força do policial Luis, Gilberto começou a vociferar. “Não toque!! Não toque nisso! Saia daí!!”.

Após extensa busca no apartamento por especialistas noite adentro, corpos e restos de corpos foram encontrados em grande quantidade em diversos estados de conservação e locais do apartamento. Era um museu de carnificina humana. Logo de manhã, Gilberto foi

interrogado acerca das evidências encontradas no local onde morava. Para surpresa dos detetives, Gilberto prontamente confessou sua trilha de crimes, incluindo dopar, assassinar, esquartejar e até mesmo se alimentar dos restos de suas vítimas, todas masculinas. Antes do desmembramento, Gilberto posicionou os corpos em posições sexuais, de forma a se excitar sexualmente e compor o arsenal de fotografias que acumulou na gaveta do quarto. Depois, preparava uma refeição. Gilberto tinha até uma parte do corpo preferida para suas refeições. “Eu criei o horror e faz sentido eu fazer de tudo para acabar com ele”, disse Gilberto aos detetives enquanto confessava. Sobre o aumento do número de vítimas nos meses que antecederam a sua prisão, Gilberto respondeu que apenas foi levado por uma força. O altar era seu lugar de meditação. Ali ele podia estar com parte daqueles que se foram. Sua energia, beleza e força. Uma parte ficava com ele através das fotografias, outra através dos alimentos, outra através das partes. No altar ele podia se conectar com aqueles que se foram e se reenergizar. Uma ponte para as forças além da vida terrena. O altar era o resultado de sua arte máxima. Anos e anos de dedicação. Os detetives perceberam que as vítimas foram de homens brancos de bairros de classe média para homens negros e asiáticos de regiões marginalizadas. Regiões que eles mesmos desprezavam. No frenesi da AIDS, na manutenção do racismo estrutural e da xenofobia, aquele altar era realmente a expressão artística máxima da sociedade atual, que mata impiedosamente seus cidadãos e se orgulham disso. Rapidamente afugentaram esse pensamento e voltaram às perguntas.

Gilberto foi condenado à pena máxima. Seguido pelo desvairo midiático diante das descobertas de suas atrocidades, um embate público sobre os objetos pessoais de Gilberto tomou conta das conversas do país. Na narrativa oficial, os objetos foram destruídos em 1993, um ano antes da morte de Gilberto na cadeia. Mais de 30 anos depois, o altar jaz impecável num salão do Sr. Menendez, bilionário espanhol. Pesquisadores, críticos de arte, historiadores e outros profissionais se debruçam sobre o significado do altar. Alguns apenas atestam o mau gosto e caráter mórbido da obra. Outros refletem o mesmo pensamento dos detetives. Estudos, ensaios, quadros, pinturas e filmes replicam a história e a arte máxima de Gilberto. Pela qual viveu e morreu.

Expediente

Direção de Conteúdo:

Aline Félix

Caio Paiva Ribeiro

Ewerton Ulysses Cardoso

Pedro Henrique Rodrigues

Arte de Capa:

Maicon Aquino

Demais Artes:

Cristiane Alvarenga

Maicon Aquino

Diagramação:

Ewerton Ulysses Cardoso

Agradecimentos

Aos apoiadores:

Frank Kevin Lima Coelho

Luciana Konradt Pereira

Jhanade Layany Moreira

Sobrinho

Aline De Fraga Sulzbach

Mariana Copertino